



Título: COMUNIDADES QUILOMBOLAS E RACISMO ESTRUTURAL: VIVÊNCIAS DE MULHERES QUILOMBOLAS DE DIFERENTES GERAÇÕES

Nome do(s) autor(es): *Eliana Mourgues Cogoy
Patrícia Krieger Grossi*

Nome da instituição: *Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS*

Palavras-chave: Racismo estrutural. Comunidades Quilombolas. Mulheres.

Introdução

O presente artigo apresenta as vivências de mulheres quilombolas com o racismo estrutural expressa pela luta incessante pela garantia do direito ao território, pela discriminação no mercado de trabalho, na escola e em outros espaços sociais. Os relatos são oriundos de uma pesquisa iniciada em 2015, destinada a compreender as experiências sociais das comunidades quilombolas do Rio Grande do Sul no âmbito das políticas públicas, considerando as relações étnico-raciais, de gênero, classe social e geração.

Reflexões sobre racismo estrutural

Perceber o racismo estrutural através das práticas discriminatórias cotidianas e enraizadas na sociedade é um dos primeiros passos para enfrentá-lo, para a desconstrução da ideologia que exclui um grupo social em detrimento de outro. Além disso, torna-se necessária a implementação de políticas públicas e sociais que promovam a equidade racial, reconhecendo tanto os direitos étnico-raciais como as especificidades de cada grupo, a exemplo dos direitos das comunidades quilombolas brasileiras, abordados no item a seguir.

Comunidades quilombolas e as formas de resistência

Os quilombos eram um lugar secreto; lá permaneciam as pessoas que fugiam das fazendas, minas ou casas de famílias onde eram escravizadas. Geralmente, os quilombos eram encobertos ou escondidos em meio ao mato. A palavra quilombo é parte do idioma dos povos bantus, originários de Angola, e carrega o significado de local de pouso ou acampamento.

Os quilombos são marcados por luta e resistência pelos seus territórios, mas também são espaços configurados na formação de identidades, principalmente a partir da cultura afro-brasileira, perante um mundo predominantemente machista e capitalista.

Relatos de gerações de mulheres quilombolas sobre o racismo estrutural

Os diversos depoimentos a seguir são de mulheres de distintas gerações: jovens, adultas e idosas, pertencentes aos seguintes quilombos do Rio Grande do Sul: Formigueiro, Macaco Branco, Boqueirão/Das Nascentes, Fazenda Cachoeira, Vó Chinoca, Areal da Baronesa, Alpes e Fidélis..

Mulheres quilombolas jovens

“Não é fácil. Só querem dar serviço braçal, sem condições da pessoa ter um estudo melhor para poder pegar um emprego melhor. Então até isso aí dificulta.” (Jovem, Quilombo Fazenda Cachoeira, Piratini, 2018).



Mulheres quilombolas adultas

“[...] a minha guriuzinha há um tempo atrás ela teve um problema que ela ia pra escola e estavam desfazendo o cabelo dela, que ela tem um jubão, bem crespo, [...] a professora pegou firme no braço dela e disse que ela não podia usar o cabelo daquele jeito que ela tava usando né. [...] chamaram a coordenação da escola, mas aí o problema foi resolvido aí, que não, que a professora tinha se exaltado em questão a ela, aí eu fui saber o porquê e eu disse pra ela que o cabelo dela não era feio, que era assim e que cada um tem um tipo de cabelo e que ninguém era igual, que a coleguinha dela tinha cabelo liso e a outra não. Mas aí depois nunca mais eu tive problema.” (Mulher, Quilombo Vovó Chinoca, Formigueiro, 2018).

Mulheres quilombolas idosas

“E eu sempre digo que o nosso chicote, a nossa chibata é a caneta, porque a gente tá sempre refém da assinatura dos governos pra deliberar. Então acho que é a nossa maior dificuldade é essa, né. A gente sabe que existem os recursos, a gente sabe que a gente tem direitos, mas é uma dificuldade pra tu acessar. E quando acessa, dependendo das brigas políticas e governamental, tu fica na espera, né.” (Idosa, Quilombo Alpes, Porto Alegre, 2018).

Considerações Finais

Este trabalho contempla as narrativas de mulheres pertencentes a diferentes quilombos do Rio Grande do Sul. Constata-se que o racismo estrutural se expressa por meio de condutas de determinados grupos que passam a ser consideradas naturalizadas na sociedade. A partir da análise das narrativas compostas de diferentes gerações, observa-se que as percepções sobre o racismo independem de tempo de vida; elas são sentidas no cotidiano dessas mulheres.

Para finalizar, torna-se necessária a construção de espaços que favoreçam o exercício da cidadania, realizando o devido enfrentamento das situações de racismo estrutural relacionadas às comunidades quilombolas. Certamente, o processo de tomada de consciência já se configura como um começo para a superação desse círculo vicioso do racismo enraizado na nossa sociedade; entretanto, ações antirracistas precisam ser colocadas em prática para vivermos uma outra sociedade possível.